

## **MITOS E REALIDADE SOBRE O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EM JARDIM DE PIRANHAS-RN.**

Roxana Silva - UCAM<sup>1</sup>  
roxana\_silva30@hotmail.com  
Mayra Samara Silva Batista- UFCG<sup>2</sup>  
mayra.silva.ps@gmail.com

### **RESUMO**

Nas duas últimas décadas a discussão sobre a inclusão de alunos com TDAH nas escolas de ensino regular, tem sido pauta de discussões no cenário das políticas públicas. No entanto, muito se fala o que é TDAH e como o professor deve recebê-lo ou desenvolver um trabalho de inclusão em sala de aula. Mas e quando o aluno não tem diagnóstico e demonstra algumas características peculiares do transtorno? Diante desta indagação este trabalho tem como objetivo desvelar como o professor reage, compreende e utiliza dos seus conhecimentos para distinguir quando um aluno tem características de TDAH e qual a sua posição frente a sua percepção. Para tanto se fez necessário o estudo bibliográfico, onde se utilizou como campo de estudo a leitura das seguintes obras: Mantoan (1998), Martins (1999), Glat (1998), Santos (2000), dentre outros, os quais acredita-se contribuir para realização desse trabalho. A pesquisa foi de cunho qualitativo, realizada através de entrevista semiestruturadas. Através desses instrumentos procurou-se identificar o nível de conhecimento e posicionamento dos sujeitos pesquisados com relação ao tema em questão. Pela análise realizada constatamos pouca diferença com relação ao nível de conhecimento dos professores acerca do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Pode-se compreender que os professores apresentam uma atitude favorável a inclusão no ensino regular, mas as entrevistas denunciam as lacunas existentes com relação ao conhecimento adquirido ao longo de sua formação, pois os mesmos utilizam do senso comum no reconhecimento e desenvolvimento da prática pedagógica na sala de aula.

Palavras-chave: Educação, Inclusão, Professor, TDAH.

---

<sup>1</sup> Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Cândido Mendes.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande.

## ABSTRACT

In the last two decades the debate on the inclusion of students with ADHD in mainstream schools, has been setting the agenda for discussions on public policy. However, much is said that is ADHD and how the teacher should receive it or develop a work for inclusion in the classroom. But what if the student has no diagnosis and shows some peculiar characteristics of the disorder? Faced with this question this paper aims to reveal how the teacher responds, understands and uses their knowledge to distinguish when a student has characteristics of ADHD and what their position against their perception. For both the bibliographical study, which was used as a field of study to read the following books was necessary: Chora (2010), Martins (1999), Glat (1998), Santos (2000), among which we believe will contribute to achieving this work. The research was a qualitative study, conducted through semi-structured interview. Through these instruments aimed at identifying the level of knowledge and positioning of the subjects with respect to the subject matter. By the review found little difference with respect to the level of teachers' knowledge about the Disorder and Attention Deficit Hyperactivity Disorder. It is understandable that teachers have a positive attitude to inclusion in mainstream education, but interviews denouncing existing with respect to knowledge acquired throughout his training gaps, as they use common sense in the recognition and development of pedagogical practice in the classroom.

Keywords: Education, Inclusion, Teacher, TDAH.

## Introdução

A inclusão vem tendo destaque no mundo inteiro, consequência de lutas diversas através de familiares e movimentos sociais, as pessoas com necessidades especiais clamam por transformações nas atitudes preconceituosas e segregacionismo que foram se estabelecendo ao longo da história e pela busca de seus direitos na sociedade. Apenas a partir da década de 80, a educação especial ganha novo rumo: o da inclusão escolar, que pressupõe a abertura das instituições escolares para atender todos os educandos em sala regular, mostrando a necessidade de se rever o tratamento para com os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Desse modo, a inclusão pretende desde o início, não excluir ninguém do ensino regular (...) e podemos dizer que vai além da medida em que se pressupõe uma mudança: não se trata mais de ajudar somente os alunos integrados que apresentam dificuldades, o objetivo é ampliado de modo que considerem as necessidades de suporte de cada membro da escola (...) diante das diferenças individuais de aprendizagem (DORÉ, WAGNER E BRUNET *apud* MARTINS, 1999, p.137).

No ano de 1990, em Jomtien, na Tailândia, realizou-se a Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Nesta, discutiu-se a necessidade dos países oferecerem, até o ano 2000, educação para todos, estabelecendo, nessa ocasião, algumas metas, dentre elas, o aumento do número de crianças frequentando a escola (SANTOS, 2000). Após a conferência, a inclusão é mais evidenciada, pois várias metas foram estabelecidas visando o aumento do número de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 passa a ter uma nova visão da educação especial, abrindo novas possibilidades para a efetivação de um ensino inclusivo que garanta o acesso e a permanência desses indivíduos na escola regular. Diante deste desafio, procurar estar atento a sua formação, não devendo esperar para que consiga estar preparado, procurando meios, pesquisas e compreendendo na medida do possível o processo inclusivo.

Com o intuito de conhecer as dificuldades enfrentadas pelos educadores no que diz respeito à inclusão de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH, é que se faz necessário antes compreender a formação dos professores? Como estes compreendem a inclusão? Como percebem que o aluno poderá ter algum transtorno? Sua posição quando percebem características que possam ser condizentes ao TDAH? Com estes questionamentos a pesquisa foi desenvolvida em uma instituição escolar da cidade de Jardim de Piranhas - RN, sendo esta da rede pública de ensino. Para tanto a coleta de dados se fez através de uma entrevista semiestruturada com (04) quatro professores.

Para que os professores se mantenham no anonimato denominamos de Professor A, Professor B, Professor C e Professor D. Na interpretação dos dados pode-se compreender que



os professores em sua maioria acreditam não estarem preparados a inclusão dos alunos com TDAH nas salas de aula, percebem o transtorno hora como sendo do senso comum e mitos, hora pelo que leram e conhecem em revistas. Compreendem que atualmente os alunos são muito indisciplinados e demonstram algumas das características serem próximas do TDAH. Não sabem se posicionar nem mesmo a quem recorrer caso percebam que algum aluno demonstra ter características de TDAH, acreditam em grande parte das respostas, que a família deveria ser mais responsável e perceber que no filho alguma coisa não vai bem, já que o mesmo deverá demonstrar comportamento adverso e até mesmo pouca concentração em sala de aula.

Nas considerações finais algumas ideias foram tecidas com o propósito de uma relação entre a análise realizada e o contexto geral da inclusão, formação de professores, compreensão e posição, de maneira a proporcionar uma reflexão crítica acerca da problemática que envolve a inclusão, nesse caso particular o TDAH. Percebendo assim que esta pesquisa deverá servir como norte a todos que participam, e acreditam na inclusão.

## **Metodologia**

A investigação científica assenta num processo racional de compreensão, de fenômenos científicos, fundados na realidade (Fortin, 2009, p. 17). Constitui um processo sistemático que conduz à aquisição de novos conhecimentos e que se baseia em três atos essenciais: a ruptura, a construção e a verificação (Quivy & Campenhoudt, 2008). A ruptura é o primeiro ato do procedimento científico e consiste em “romper com os preconceitos e as falsas evidências” (Idem, p. 26). A construção é o que “permite erguer as proposições explicativas do fenômeno a estudar e prever qual o plano de pesquisa a definir, as operações a aplicar e as consequências que logicamente devem esperar-se no termo da observação” (Bogdan & Biklen, 1994 p. 51). A verificação é um ato essencial uma vez que “uma



proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos fatos” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 28).

A opção por uma abordagem qualitativa ocorreu em virtude do interesse da pesquisa em estar voltada para questões subjetivas, da realidade social, focalizando a compreensão dos professores acerca do TDAH. Segundo Minayo (1999), a pesquisa qualitativa é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes ao ato o que proporciona uma compreensão da realidade para além dos fenômenos percebidos pelos nossos sentidos, trabalha com dados, que trazem para o interior da análise o subjetivo e o objetivo, os fatores e seus significados.

As fontes e recolhas de dados deste estudo contemplam entrevistas semiestruturadas a quatro professores. A leitura do discurso proporcionou condições de definirmos como nosso corpo de investigação as relações entre a formação do professor, suas concepções e ações acerca dos alunos TDAH ressaltando os interesses antagônicos que permeiam os discursos e práticas relacionadas a praticas pedagógicas.

### **Análise dos resultados**

Para uma melhor organização dos dados, os quais enfocam pontos importantes, manter os professores em anonimato é essencial para que estes possam deixar as subjetividades aflorarem. Diante desta premissa foram denominados os entrevistados: Professor A, Professor B, Professor C e Professor D.

Diante da análise sobre a formação dos professores a inclusão dos alunos deficientes em salas de ensino regular. Os entrevistados compreendem que não se sentem preparados o suficiente a receber esses alunos. Este posicionamento é bem evidenciado nos comentários dos professores, principalmente quando relatam a falta de um trabalho em que todos que fazem a escola desenvolvam um trabalho em conjunto com o professor. Por isso o Professor (A) refere que o problema está em que o professor sozinho deve trabalhar a inclusão, a equipe

pedagógica não demonstra qualquer interesse por esses alunos, o que acaba por se refletir no fraco rendimento escolar. Segundo o professor “Diz que a gestão escolar quer que os alunos sejam incluídos nas salas de aulas, não fiquem nos corredores, nem mesmo incomodem os que estão na administração em outras responsabilidades”.

Nesse sentido o professor (C) ressalta que “A nossa realidade é muito difícil, para o professor que tem um universo de alunos com dificuldade de aprendizagem, muitos deles com distorção idade e série recebermos uma criança deficiente sem nem mesmo uma infraestrutura adequada”. Ainda diante desta pergunta o professor (D) enfatiza, “A escola passou a ser inclusiva e só agora é que o professor esta compreendendo melhor o que é inclusão”.

Segundo Mantoan (1998), para haver sucesso nesse paradigma de educação, se faz necessárias mudanças de atitudes em relação ao quadro mostrado acima, como também novos procedimentos de ensino baseados em concepções e práticas pedagógicas mais evoluídas, assim como, na adaptação de toda a escola, na sua estrutura física e educacional, respeitando a diversidade como fator relevante de intercâmbio e acolhimento entre os alunos.

Quando solicitados a relatarem sobre a compreensão do TDAH, o professor (A) diz ser o transtorno que é mais comum encontrar nas escolas, segundo o que ele percebe. Já o professor (B) confirma ser um transtorno de inquietação que o aluno não se concentra, passa pouco tempo sentado cadeira, nem mesmo por um minuto. O professor (C) reconhece não saber muito do TDAH, mas conhece professores que tem alunos assim e que sempre dizem ser difícil telos em sala de aula. O professor (D) relata que já participou de uma palestra sobre o assunto, mesmo assim acredita que conciliar um aluno com esse tipo de transtorno com os alunos ditos “normais” não deve ser tarefa fácil. Neste curso aprendeu que o TDAH, é muito reconhecido em pessoas que ficam inquietas e que é de ordem genética. Goldstein (2002) diz que, o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), caracteriza-se por “problemas de impulsividade, sintomas de desatenção e hiperatividade”, sendo denominado



de várias maneiras como: “disfunção cerebral mínima, reação hipercinética da infância e distúrbio de déficit de atenção”.

Bastos e Bueno (2003) afirmam que a criança hiperativa sufoca e desgasta a paciência dos pais, que se sentem fracassados diante das atividades excessivas dos filhos e de suas condutas contraditórias. Por esses motivos, são considerados “revoltados”, “pestes”, “mal educados”, “não querem nada com a vida” e “preguiçosos”. Devido à força energética que manifestam, estão sempre a desestruturar a sala de aula, sendo facilmente distraído por estímulos do ambiente externo, não se fixam por longo tempo nas atividades que estão fazendo, desviando constantemente o foco de atenção para cada novo movimento perceptível.

Gentile (2000, p. 30), informa que:

Na prática, as crianças com TDAH são agitadas ou impacientes. Constantemente são apelidadas de “pestinha” ou coisa parecida. Na idade pré-escolar, estas crianças mostram-se inquietas, andando de um lado para o outro, não ficando mais de dois minutos sentado no mesmo lugar. Nunca termina as tarefas solicitadas e sai da sala constantemente sem pedir licença, chegando a ser agressivo em algumas ocasiões. Nas atividades em geral, suas atitudes parecem demasiadas quando em relação a das outras crianças da mesma faixa etária.

Diante da indagação sobre o posicionamento frente à inclusão de um aluno TDAH em sua sala de aula, ou caso tenha um aluno com características predominantes, qual seria o posicionamento que tomaria. O professor (A), diz nem saber o que faria, acredita que perguntaria a supervisão e pediria apoio ao pedagógico da escola, acredita que os pais devem tomar iniciativa quando percebe que o filho tem algum transtorno, o professor (B), acredita que na sala em que ele leciona tem alunos com características de TDAH, mas nunca conversou com ninguém, a mãe deste aluno já foi na escola por várias vezes devido o comportamento e as notas baixas, a mãe relatou que o aluno faz acompanhamento, mas que nunca soube que tipo de acompanhamento o aluno tem. Já com relação a esta indagação o professor (C) relata que atualmente os alunos são muito indisciplinados e não param quietos,



eles sobem nas carteiras, pulam de cima das telhas na escola, enfim nem sabe como comparar tais características e diferenciar um aluno que tem ou não tem TDAH. Diz ainda que nas reuniões os pais relatam que em casa os filhos demonstram o mesmo comportamento e tratam a indisciplina como algo bem normal do cotidiano do filho dentro ou fora da escola ele sempre tem o mesmo comportamento. Para o professor (D), compreender e perceber se o aluno tem ou não características predominantes de TDAH e como se posicionar é para ele algo que não pensou nesta possibilidade. Acredita que a escola deve comunicar o professor se o aluno for matriculado e caso ele perceba pede ajuda ao pedagógico e comunica aos pais para que estes tomem as devidas providencias. De acordo com Brioso e Sarriá (1995), uma das dificuldades apresentada pela criança é a falta de “atenção e concentração”, a qual constitui um dos principais empecilhos para o processo de aprendizagem. Diante disso, Gentile (2000) afirma que, com base nessas informações, o docente poderá selecionar e orientar tarefas “curtas” e “envolventes”.

“Os professores que têm alunos com TDAH precisam de paciência e disponibilidade, pois estes exigem tratamento diferenciado, mais atenção e uma rotina especificamente estimulante”. (BORELA *apud* GENTILE, 2000, p. 31). Já para (BRIOSO e SARRIÁ, 1995) o isolamento social sofrido pelas crianças que apresentam esse transtorno é um fator considerável, na medida em que os indivíduos “normais” rejeitam as mesmas, causando-lhes frustração. Os autores acrescentam ainda “que na adolescência, as alterações secundárias exacerbam-se, aparecendo com frequência condutas antissociais, ao passo que o nível de autoestima do indivíduo é especialmente afetado” (p.164).

Diante do exposto, percebe-se que a falta de assistência adequada na escola para a criança, bem como o diagnóstico tardio do seu problema, poderá provocar consequências para seu desenvolvimento.

## **Conclusão**

A Educação inclusiva compreende a Educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar. Há, entretanto, necessidades que interferem de maneira significativa no processo de aprendizagem e que exigem uma atitude educativa específica da escola como, por exemplo, a utilização de recursos e apoio especializados para garantir a aprendizagem de todos os alunos.

Com relação ao Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), podemos perceber através da compreensão e análise dos dados, a falta de confiança do professor diante de sua formação e capacidade de lidar com a diversidade dos alunos na sala de aula, o que os levam a apenas perceberem de forma superficialmente sobre o TDAH. Sabendo que uma das dificuldades do aluno com TDAH é a pouca e/ou falta de atenção e concentração, a qual se constitui uma das principais dificuldades para a efetivação do processo de aprendizagem, o professor dentro deste contexto se faz de grande importância já que poderá estruturar tarefas que estimulem os alunos de modo a não praticar a exclusão, visando o melhor rendimento da turma e conseqüentemente de seu aluno com TDAH.

No entanto, é importante registrar a necessidade de promover novas mudanças curriculares de forma a ampliar o estudo e a pesquisa sobre a educação inclusiva dentro dos centros acadêmicos, perpassando assim a todos que atuam na educação. Além disso, é necessário salientar a importância da presença de um serviço de apoio especializado que complementar o trabalho do professor.

Finalmente, esperamos que este trabalho possa subsidiar a reflexão dos professores envolvidos no contexto de uma educação inclusiva e que possa servir de instrumento para que os profissionais que atuam diretamente na inclusão escolar possam compreender melhor o papel fundamental que o professor exerce dentro da perspectiva de incluir alunos nas salas de ensino regular.

## Referências

ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção. TDAH na escola . Disponível em: <http://www.tdah.org.br/dicas02.php?id=4> Acesso em: 13 de agos. 2014.

BASTOS, F. L.; BUENO, M. C. **Diabinhos:** tudo sobre o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade. Disponível em: <<http://www.neurociencias.hpg.com.br>>. Acessado em 27 de julho de 2003.

BRASIL, **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.** Brasília: MEC, 1996.

BRIOSO, E.; SARRIÁ, A. S. Distúrbio de Comportamento. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educacional:** Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTRO, A. M. *et al.* **Educação Especial:** do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

GENTILE, P. Indisciplinado ou Hiperativo? **Nova Escola**, ano XV, n. 192, p. 30, maio de 2000.

GLAT, R. A. **A Integração Social dos Portadores de Deficiência:** uma Reflexão. 2. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

GOLDSTEIN, S. **Hiperatividade:** como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas: Papyrus, 2002.

MANTOAN, M. T. E. Educação Escolar de Deficiente Mental: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. **Caderno CEDES**, ano XIX, n. 46. São Paulo: Cortez, 1998.

MARTINS, L. A. R. **Diferença/Deficiência sob uma Ótica Histórica.** Educação em Questão. Natal: EDUFRN, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, M. P. **Educação Inclusiva e a Declaração de Salamanca:** consequências ao sistema educacional brasileiro. Integração. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial, ano 10, n. 22, 2000.